



ORIENTE MÉDIO

Israel prevê mais sete meses de guerra

Conselheiro de Segurança Nacional do governo de Benjamin Netanyahu estima que combates na Faixa de Gaza seguirão até o fim do ano. Palestinos temem catástrofe pior. Exército israelense controla corredor estratégico perto do Egito

» RODRIGO CRAVEIRO

Menahem Kahana/AFP

O Correio pediu à ativista palestina Walaa Nahj Hassan, 30 anos, que descrevesse como foram os 237 dias de bombardeios. Refugiada pela terceira vez, agora em Deir Al-Balah (centro da Faixa de Gaza), depois de fugir da Cidade de Gaza para Rafah e de abandonar o local nesta semana, ela respondeu: "Isso não é uma guerra, é um genocídio". Um pesadelo que pode se estender até o fim do ano, segundo uma alta autoridade israelense.

"Podemos ter mais sete meses de combates para consolidar o nosso sucesso e alcançar o que definimos como a destruição do poder e das capacidades militares do (grupo extremista) Hamas", declarou Tzachi Hanegbi, conselheiro de Segurança Nacional do premiê Benjamin Netanyahu. "Para nós, a vitória significa destruir as capacidades militares do Hamas, trazer de volta todos os reféns e garantir que no fim da guerra não haja mais ameaças de Gaza", acrescentou.

Por sua vez, as Forças de Defesa de Israel (IDF) anunciaram que assumiram o "controle operacional" do estratégico corredor da Filadélfia, ao longo da fronteira entre a Faixa de Gaza e o Egito.

Walaa teme os próximos meses na Faixa de Gaza. De acordo com ela, a previsão de Hanegbi significa mais derramamento de sangue. "Haverá mais destruição, mais deslocamentos forçados, mais fome e prejuízos. Na condição de uma palestina submetida ao perigo de extermínio desde outubro passado, eu insisto se existe palavra mais descritiva do que genocídio", disse. Também em Deir Al Balah, Huda Al Assar, 57, lamentou à reportagem as perspectivas de um conflito longo. "Passaram-se oito meses, e os israelenses apenas conseguiram derrubar as casas e assassinar



Tanque do Exército israelense se movimenta entre plantação de girassóis, no lado israelense da fronteira, e o cenário de devastação em Gaza

inocentes. Se a guerra continuar, o resultado será o mesmo", assegurou a professora de matemática, que viveu no Brasil entre 1995 e 2006 como refugiada.

Morador de Khan Yunis, a 9km de Rafah, no sul da Faixa de Gaza, Khalil Abu Shammalla afirmou ao Correio que o prognóstico de sete meses de guerra se insere no contexto da pressão exercida por Israel sobre o grupo extremista Hamas e os mediadores dos governos do Egito e do Catar. "Acredito que, depois que os israelenses controlarem a Faixa de Gaza e tomarem a fronteira, eles planejarão uma segunda fase da guerra. Veremos o fim das operações militares no terreno, mas haverá arranjos para a

Eu acho...

Arquivo Pessoal



"Quero que essa maldita guerra termine logo. Foram oito meses muito difíceis, sem energia elétrica, sem alimentos suficientes, sem água boa para beber ou até para tomar banho. Estamos sem estudos e sem trabalho. Enfim, é uma vida sem vida."

Huda Al Assar, 57, professora de matemática, moradora de Deir Al-Balah (centro de Gaza)

apropriação de Gaza e para impedir o Hamas de influenciar as decisões sobre o território. O Exército israelense tentará

reabrir a passagem fronteiriça de Rafah, em coordenação com a Autoridade Palestina e o Egito", comentou o palestino.

Contrabando

A tomada, por parte de Israel, do corredor da Filadélfia revelou pelo menos 20 túneis abertos pelo Hamas. "Estabelecemos um controle operacional" do corredor, de 14km de comprimento, admitiu um oficial das IDF a jornalistas. O corredor Filadélfia é uma área de segurança entre Gaza e o Egito, patrulhada até 2005 por tropas israelenses, que se retiraram do conjunto do território palestino naquele ano. Existia o temor de que o mesmo pudesse ser utilizado por facções armadas palestinas de Gaza para o contrabando de armamentos. Tzachi Hanegbi confirmou que Israel controla



Para nós, a vitória significa destruir as capacidades militares do Hamas, trazer de volta todos os reféns e garantir que no fim da guerra não haja mais ameaças de Gaza"

Tzachi Hanegbi, conselheiro de Segurança Nacional de Israel

75% da zona de segurança na fronteira egípcia.

Na terça-feira, três soldados israelenses morreram durante a explosão de um prédio repleto de bombas, em Rafah. Desde o começo da guerra, em 7 de outubro passado, 291 militares judeus morreram em Gaza. O Ministério da Saúde da Faixa de Gaza, controlado pelo Hamas, estima em 36.171 palestinos mortos, incluindo 15.238 crianças; 10 mil presos sob os escombros e 81.420 feridos.

Uma fonte egípcia de alto escalão citada pela emissora Al Qahera News, vinculado aos serviços de segurança do país, afirmou que o Cairo considera que Israel usa as suspeitas de contrabando pelo corredor da Filadélfia "para justificar a continuação da operação na cidade de Rafah e o prolongamento da guerra com fins políticos". Perto de Nablus (Cisjordânia), extremistas atropelaram e mataram dois israelenses.

ESTADOS UNIDOS

Júri começa a deliberar sobre destino de Trump

Os 12 jurados — sete homens e cinco mulheres — receberam instruções de Juan Merchan, juiz da Suprema Corte de Justiça, pouco antes do meio-dia (13h em Brasília). "Vocês são os juízes dos fatos, são os responsáveis por decidir se o réu é culpado ou não", declarou o magistrado. "Vocês devem deixar de lado qualquer opinião pessoal que tenham a favor ou contra o acusado." O júri deliberou por mais de quatro horas e meia, para tentar chegar a um veredicto, e volta a se reunir às 9h30 de hoje sobre as 34 acusações por falsificação de documentos contábeis que pesam sobre o ex-presidente dos EUA Donald Trump.

O magnata republicano é suspeito de fraudar os registros para ocultar pagamentos de US\$ 130 mil em suborno à ex-atriz pornô Stormy Daniels, com quem teria mantido uma relação extraconjugal. A ideia era evitar um escândalo sexual no fim da campanha presidencial de 2016.

Por duas ocasiões, os jurados enviaram bilhetes ao juiz Merchan. Na primeira anotação,

pediram para terem acesso à transição de quatro partes do testemunho do ex-editor da *National Enquirer* David Pecker e de Michael Cohen, ex-advogado de Trump. Também solicitaram a Merchan que repetisse as instruções do júri. O ex-presidente norte-americano ironizou o próprio julgamento, depois de receber ordens do juiz de que deveria permanecer no tribunal enquanto aguarda o veredicto. "Essas acusações são fraudulentas. Nem a Madre Teresa poderia vencer essas acusações", acrescentou, ao citar a religiosa católica indiana que dedicou sua vida aos pobres.

Em um dia inteiro de alegações finais, a equipe de defesa de Trump insistiu que as provas para uma condenação simplesmente não existem, enquanto a acusação rebateu que existem "fortes evidências". O promotor Joshua Steinglass apresentou as alegações finais da acusação depois que os advogados de Trump insistiram em sua inocência e disse que o caso se baseia em mentiras. Steinglass pediu ao júri que "se desconectasse do ruído e ignorasse as distrações". "Se o fizerem,

Doug Mills-Pool/Getty Images/AFP



Donald Trump fala à imprensa ao fim de mais um dia de julgamento: 34 acusações de falsificação de documentos

verão que foram apresentadas fortes provas da culpa do acusado", disse o promotor.

Para proferir um veredicto de culpado ou inocente, o júri deve ser unânime. Se o consenso não for alcançado, o julgamento será

considerado nulo. Se for considerado culpado, o candidato republicano, de 77 anos, poderá recorrer e, ainda assim, desafiar o presidente democrata Joe Biden nas eleições de novembro.

Steinglass conversou com os

membros do júri depois que um dos advogados do magnata, Todd Blanche, lhes disse que o julgamento "não é um referendo sobre suas ideias sobre Trump" ou "sobre em quem você planeja votar em

2024". Segundo Blanche, a Promotoria não conseguiu provar suas acusações e o único resultado deveria ser "um veredicto simples e rápido de inocente". "O presidente Trump é inocente", enfatizou.

Blanche dedicou boa parte de seu discurso a atacar Michael Cohen, ex-advogado e ex-confidente de Trump, que hoje se tornou seu principal acusador. "Não houve intenção de cometer fraude e, além disso, não houve conspiração para influenciar as eleições de 2016", acrescentou Blanche. Steinglass respondeu que havia "uma montanha de evidências" que corroboravam a culpa do ex-presidente, além do depoimento de Cohen.

Enquanto Trump aguarda o veredicto, o presidente democrata Joe Biden, seu adversário nas eleições de 5 de novembro, fez campanha na Filadélfia (Pensilvânia). Ele e a vice, Kamala Harris, aproveitaram o comício de ontem para lançar uma ação nacional voltada a atrair o eleitorado negro, um grupo cujo apoio a Biden deverá ser menor do que foi em 2020, segundo projeções.